

O ACADEMISMO DE RUGENDAS.

O Brasil foi ponto de atração para muitos artistas, pintores, literatos, etc. Não só artistas como naturalistas para cá vieram à procura de novidades, do diferente, do original. Chegavam, faziam seus trabalhos e rapidamente voltavam, deixando muito pouco de sua arte e talento que pudesse influir na formação artística e intelectual de um povo em formação.

O Brasil apresentava-se à Europa como uma região exótica, pitoresca, de arquitetura rude, povo alegre e diferente. Era um país estranho onde encontrava-se descanso da vida européia cheia de cultura e requintes, de quadros e cenas já por todos conhecidos e estudados. Cumpre lembrar também que no século passado, as idéias de Rousseau e Locke determinavam muito do pensamento europeu e o Brasil tinha bastante ainda daquele “estado natural do homem”, daquela simplicidade e rusticidade de um povo que vivia numa vida semi-primitiva, começando a entrar na civilização. Portanto o Brasil, para muitos idealistas e intelectuais europeus, correspondia mais ou menos à aquilo que êles procuravam.

Mas êles, os viajantes, não previram a sua reação ante a grandiosidade da paisagem, a beleza de seus acidentes geográficos e o diferente de sua população, assim é que a maioria dêles sentia-se chocada, pouco produzia, algumas paisagens, uns recantos tímidos, alguns desenhos e anotações de arquitetura local, e pronto, abalava para sua terra de origem.

Poucos foram os que realmente fizeram algo de valor; entre essa minoria destacam-se: Debret, Tomas Ender e Rugendas.

Rugendas.

João Maurício Rugendas nasceu em Augsburg, em 1802 e faleceu em Weilheim em 1858. Pertencia a uma família tradicional de artistas e desenvolveu desde muito cedo sua especialidade. Desenvolvimento êste que se nota na liberdade em traçar os desenhos, na firmeza e segurança de seu estilo. Tôda a sua obra demonstra uma base artística muito sólida e bem dirigida, ao contrário da maioria dos outros desenhistas que por aqui fizeram suas andanças.

Veio ao Brasil acompanhando a missão Langesdorff; esta foi uma das muitas missões que para cá vieram, atraídas pelo interesse que o Brasil despertava no mundo artístico e científico europeu do século passado.

O Visconde de Taunay refere-se à missão nos seguintes termos:

“Em começos do ano de 1825, o cônsul geral da Rússia no Brasil, Barão Jorge Henrique de Langsdorff, recebeu ordens do Imperador Alexandre I de organizar uma comissão científica que fôsse às expensas de seu bôlso particular, visitar o interior do Brasil, dirigindo-se ao Mato Grosso e regressando pelo Amazonas ao Pará. Títulos avultados recomendavam especialmente àquêlê sábio para emprêsa de tal ordem. Embora, segundo parece, começasse a sofrer das faculdades mentais por abusos pouco próprios da sua posição e idade, teve o talento de congregar em tôrno de si pessoal da mais elevada competência, convidando Luis Ridel para a parte botânica, Rubzoff para a zoológica e Maurício Rugendas, pintor de mérito, para reprodução na tela e no papel de tudo quanto pudesse interessar às artes e ciências naquela dilatada exploração. Desconheço o motivo que levou Rugendas desligar-se à última hora da expedição, antes porém apontou como substituto mais que digno, Adriano Taunay” (1).

Assim é que Rugendas, ao abandonar a expedição Langsdorff dedicou-se por conta própria a excursionar pela terra que o maravilhara, como a muitos outros. Desenhou e também escreveu, fêz um estudo de caráter generalizado sôbre o que viu, ouviu, e depreendeu do Brasil. Às vêzes é obscuro, erra, mas também tem observações interessantes e de grande valor para o estudioso daquele período histórico.

Publicou Rugendas, já na Europa, os seus desenhos e escritos, numa obra magnífica, no ano de 1835, em língua alemã e francesa, na excepcional litografia Engelman. Existe um exemplar desta edição na Biblioteca Municipal de São Paulo, bastante mutilado por mãos inconscientes. Suas gravuras são constantemente reimpressas e publicadas em conjunto ou separadamente. Há uma tradução muito boa da edição citada, feita pela livraria Martins Editôra, com alguns breves comentários de Sérgio Milliet, tradutor da obra, e uma rápida introdução de Rubens Borba de Moraes (2).

Ao lermos a sua crônica sôbre as viagens que realizou, encontramos uma série de informações preciosas para o historiador, a indicação de muitos temas ainda não estudados e, geralmente, um apanhado muito vivo dos hábitos e costumes do Brasil da época. Apesar de ser às vêzes obscuro, na maioria de seus temas nota-se uma clareza e uma excepcional capacidade de observação. Podemos tomar como exemplo a análise que êle faz da exuberância da floresta brasileira, em contraste com a européia, à página 11 do primeiro capítulo, exuberância esta que leva o pintor viajante europeu a sentir-se como que esmagado:

- (1). — Visconde de Taunay, *A cidade de Mato Grosso, o rio Guaporé e sua mais illustre vítima*, in revista “Habitat”, número 8, pág. 72.
- (2). — João Maurício Rugendas, *Viagem Pitoresca através do Brasil*, coleção Biblioteca Histórica Brasileira. Vol. I, Livraria Martins Editôra S. A., 5a. Edição, 1954.

“Em vão procuraria o artista um pôsto de observação nessas florestas em que o olhar não penetra além de poucos passos; as leis de sua arte não lhe permitem exprimir com inteira fidelidade as variedades enumeráveis das formas e das côres da vegetação de que êle se vê envolvido. (...) Aqui a natureza produz e destrói com vigor e a plenitude da mocidade: dir-se-ia que releva com desdém seus segredos e tesouros diante do homem, o qual se sente atônito e humilhado ante essa fôrça e essa liberdade de criação (...). Nessas florestas não podem sequer dar-nos uma idéia mesmo longínqua (...)”.

Mas deixemos a análise de sua crônica para um trabalho posterior e examinemos o artista como acadêmico. Começemos então analisando a concepção que Rugendas faz da arquitetura de Vila Rica e Ouro prêto, à página 42:

“Do ponto de vista artístico, porém, êsses edificios nada apresentam de notável. Datam, quase tôdas as igrejas e outras construções de uma época em que a arquitetura se achava em plena decadência, não sòmente em Portugal mas ainda em quase todos os países da Europa. Nelas se observa essa mistura absurda de estilo e talento da decadência com residuos góticos e infelizes imitações do antigo, tudo sem a menor arte, ou melhor, com a que imaginavam as academias criadas para amparar a vida titubeante da arte (...). E’ natural que os artistas, que abandonaram a metrópole pelas colônias, não fôsem precisamente os melhores, o que explica porque os edificios mais vastos e mais ricos do Brasil são desprovidos de beleza”.

Pois bem, Rugendas era um artista pertencente a uma familia de artistas, seu tataravô era um pintor e diretor da Academia de Augsburg, seu pai era professor e diretor da Escola de Desenho de sua cidade natal. Observando o trecho citado acima, com relação a afirmativa que êle faz sôbre as academias, “criadas para amparar a vida titubeante da arte”, podemos calcular o alto valor que êle dava às mesmas e aos seus ensinamentos. Como o barroco colonial, principalmente o brasileiro, tomou nas colônias formas próprias devido às adaptações, às necessidades locais, às determinantes econômico-sociais, às técnicas e influências do meio, é evidente que Rugendas como bom acadêmico que era, achasse aquela arte:

“Uma multidão dessas infelizes criações...”.

O estilo de Rugendas não apresenta características próprias das correntes artísticas que vigoravam na Europa naquela época, nota-se em seus trabalhos alguma tendência para o movimento rococó, na época já superado. Os seus desenhos são típicos de um figurativista que procura retratar a natureza como êle a vê.

Em tôda sua obra nota-se influênciã de carãter filosófico social, trata-se das idéias de Rousseau, pois há nos seus desenhos como que uma valorização e embelezamento dos homens simples, como que uma busca do feliz "estado natural do homem".

Pelas suas gravuras temos uma visão das belas paisagens da época, onde os pequenos casarios não dominavam ainda a mata, conhecemos tôda uma série de elementos componentes da cultura material do Brasil naquela época, a arquitetura, vestuário, navios transportes, costumes, etc. A sociedade está muito bem representada, os senhores, as sinhazinhas, os homens do povo, a população negra nas suas várias funções de sofrimentos, e inúmeros outros setores da vida. Todos seus quadros são ricos em informações tanto para o curioso como para o historiador.

Apesar do seu valor inestimável, a sua obra tem um pequeno lapso proveniente da sua própria formação e tendência artística. Èle via tudo de acôrdo com os cânones imutáveis do seu estilo (3), para êle a humanidade deveria estar tôda enquadrada dentro daqueles padrões de proporções, pois só assim se atingiria o belo.

O século XIX é aquêlê em que os movimentos precusores das escolas contemporâneas surgiam e o neo-clássico tivera seu apogeu nos fins do século anterior. Rugendas não apresenta nos seus desenhos características que mostrassem pertencer êle a nenhum dêsses movimentos; nota-se em seus trabalhos algumas vêzes certas tendências para o rococó.

Mas, se Rugendas é de grande valor para nos informar sôbre todos os detalhes acima descritos, teve êle um defeito: via tudo pelos cânones imutáveis de seu estilo, para êle a humanidade deveria estar tôda enquadrada dentro daqueles padrões e proporções, só seria belo aquilo que assim fôsse feito, e êle só desenhava o belo.

Observando bem sua obra, notamos que todos os individuos têm mais ou menos os mesmos traços, os seus personagens assemelham-se àquêles que aparecem nos quadros de L. Mignard ou A. Trouvain (4). Examinando, por exemplo, a cena da dança dos índios puriz, notamos que apesar do esforço do artista para dar aos indígenas traços que estivessem de acôrdo com a sua condição de selvagens, o que êle conseguiu foi representar apenas europeus com expressões um tanto atoleimadas. Êsses individuos lembram muito os personagens dos quadros franceses da época de Luís XIV, o que aliás pode ser fãcilmente comprovado, comparando no mesmo quadro os indígenas com o europeu que observa a cena acompanhado do seu escravo.

(3). — A meu ver o estilo de Rugendas era o acadêmico. Por acadêmico estende-se: "Tôda a realização artística que, abdicando das ousadias, inovações, rebeldias ou procura de efeitos, se resigna à conexão sisuda, refletida, serena, ainda que menos pessoal, do geralmente adotado nas escolas oficiais ou conchaves de acadêmicos, zelosos guardadores das tradições imutáveis, (...) representa formas humanas ideais, reproduzidos com visível inspiração nas regras plásticas emanadas do classicismo grego ou romano". *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Editorial Enciclopédia, Limitada, Lisboa. Rio de Janeiro, volume I, pág. 168.

(4). — Ver André Maurois, *Louis XIV à Versailles*, Livraria Hachette, 1955, págs. 42 e 48.

No quadro em que estão representados vários indígenas praticando o cerimonial do entêrro, a completa falta de uma real representação das verdadeiras proporções antropométricas características da raça são patentes. Temos neste quadro figuras humanas, com atitudes e proporções impecáveis, são nus quase perfeitos, belos, mas dentro daqueles cânones europeus criados pelos artistas, baseando-se nos padrões greco-romanos, tão a gôsto das academias. Êsses cânones procuram o tipo de beleza ideal, portanto inexistente, e no caso completamente inaplicável aos indígenas, pois êstes pertencem a um grupo racial diferente daqueles tipos que foram usados como modelos para os cânones europeus. Essa é uma característica de Rugendas e está patente em todos os seus quadros, um outro ótimo exemplo dessa característica pode ser encontrado na cena dos negros novos, onde encontramos uma negra jovem ainda com uma graça e delicadeza bem diferentes que deveriam ser na realidade; esta cena poderia ter sido desenhada na Europa, usando um modelo europeu, mudando apenas a coloração da epiderme e dando um cenário adequão.

Nos quadros em que o artista procurou retratar cabeças das diferentes tribos, houve um esforço para retratar os traços característicos dos individuos, mas mesmo assim êle o conseguiu mal, bastanos examinar os quadros dos índios botucudos ou dos camacãs e puriz. Na sua maioria são retratos de europeus com pequenas modificações, sendo que em alguns casos quase não se nota diferença, como por exemplo no retrato da menina do quadro dos botucudos, ou no retrato da jovem camacã. Ao que tudo indica, Rugendas foi mais feliz ao retratar as cabeças dos negros, pois sua mão de artista suavizou bastante os traços característicos dos diferentes tipos.

Cremos não ser demasiado criticarmos Rugendas por esta sua maneira de ver e desenhar as coisas; pois se analisarmos os desenhos de Hércules Florence (5), o segundo desenhista da expedição Langsdorff, veremos que Florence foi de uma fidelidade antropométrica exemplar, desenhou os índios realmente como êles eram, com tôdas as suas características físicas e culturais. Se a Florence faltaram dotes artísticos para melhor representar as paisagens e cenas das suas viagens, em compensação não lhe faltou uma visão nítida da realidade física e cultural de seus modelos indígenas. Portanto, sob o ponto de vista da representação das características raciais e culturais dos negros e indígenas que Rugendas aqui encontrou, a sua obra deixanos uma documentação pouco valiosa, mas esta pequena deficiência amplamente suprida pelas outras informações que êle nos deixou da vida, hábitos, costumes e sociedade da época.

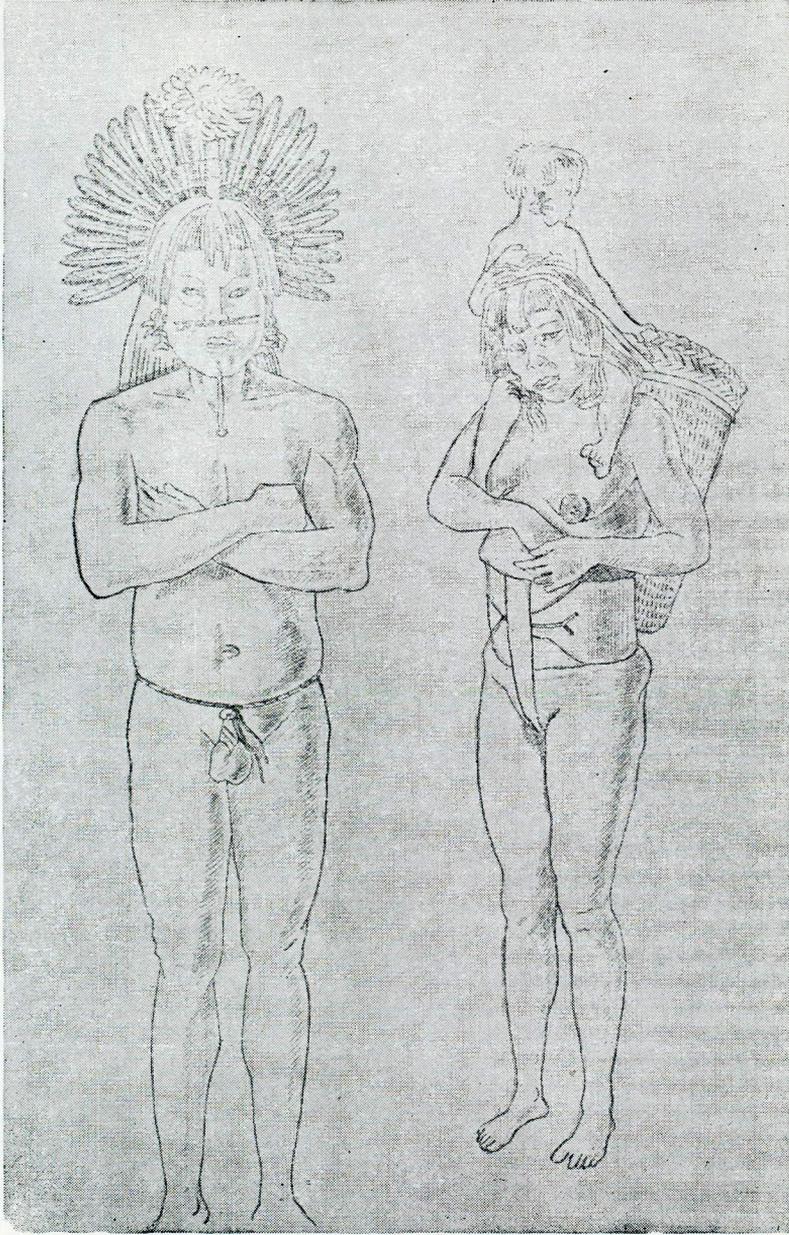
A **Viagem Pitoresca através do Brasil**, por João Mauricio Rugendas é uma obra de real valor e interêsse para o estudioso da História do Brasil, é um trabalho que supre em sua qualidade a nossa carência de documentos dêsse tipo.

VIVALDO WENCESLAU FLOR DAGLIONE

(5). — Ver Hércules Florence, *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Tradução de Visconde de Taunay, Edição Companhia Melhoramentos.



Rugendas.



Hércules Florence e sua fidelidade antropométrica.



Rugendas.